

## SÓ SE VÊ BEM COM O CORAÇÃO: UM BREVE ENSAIO SOBRE O PEQUENO PRÍNCIPE (LE PETIT PRINCE)

\*\*\*

### YOU CAN ONLY SEE WELL WITH YOUR HEART: A BRIEF TEST ABOUT O PEQUENO PRÍNCIPE (LE PETIT PRINCE)

Roberto Remígio Florêncio<sup>1</sup>  
Vlader Nobre Leite<sup>2</sup>  
Rafael da Silva França<sup>3</sup>

**Recebimento do Texto:** 16/08/2021

**Data de Aceite:** 10/09/2021

**RESUMO:** O presente manuscrito tem o objetivo de (re)apresentar o romance *O Pequeno Príncipe* (*Le Petit Prince*, 1943), de Antoine de Saint-Exupéry, sob o ponto de vista da análise textual, buscando apontar os elementos que fizeram/fazem a obra alcançar destaque no cenário da Literatura Universal. Evocando os estudos de Coplán (2007), Lima e Silva (2010) e Freire (2016), a metodologia baseia-se na interpretação textual para construir análises psicológica e filosófica da obra, tendo como base a narrativa do personagem principal e as impressões construídas pelo personagem-narrador e/ou seu *alter ego*. Como resultados, identifica-se, pela presença da autobiografia do narrador, os conceitos de amizade, amor, perda e solidão, construídos de forma metafórica, em uma visão existencialista da vida, através de aforismos contundentes e significativos para o entendimento dos sentimentos humanos. Ao fim, é possível depreender lições para a vida, e a principal mensagem é uma crítica às “pessoas grandes” que, ao crescerem, esquecem da criança que foram. Como reflexão, depreende-se que as pessoas não conseguem compreender o verdadeiro sentido da vida, que é o amor e a amizade, “o essencial é invisível aos olhos”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura Universal. Interpretação Textual. Existencialismo. Infância.

**ABSTRACT:** This manuscript aims to (re)present the novel *O Pequeno Príncipe* (*Le Petit Prince*, 1943), by Antoine de Saint-Exupéry, from the point of view of textual analysis, seeking to point out the elements that made/made the work achieve prominence in the Universal Literature scene. Evoking the studies of Coplán (2007), Lima and Silva (2010) and Freire (2016), the methodology is based on textual interpretation to build psychological and philosophical analysis of the work, based on the narrative of the main character and the impressions constructed by the narrator-character and/or his *alter ego*. As a result, it is identified, by the presence of the narrator's autobiography, the concepts of friendship, love, loss and loneliness, metaphorically constructed, in an existentialist view of life, through blunt and significant aphorisms for the understanding of human feelings. In the end, it is possible to infer lessons for life, and the main message is a criticism of the “big people” who, when they grow up, forget about the child they were. As a reflection, it appears that people cannot understand the true meaning of life, which is love and friendship, “the essential is invisible to the eyes”.

**KEYWORDS:** Universal Literature. Textual interpretation. Existentialism. Childhood.

1 Professor de Língua Portuguesa do IFSertãoPE, campus Petrolina Zona Rural; Doutor em Educação (UFBA); betoremigio@yahoo.com.br

2 Professor de Teoria Literária da Universidade de Pernambuco – UPE; Mestre em Letras (UFPB); vladernobre@hotmail.com

3 Professor da Rede Municipal de Ensino de Sobradinho – BA; Graduado e Especialista em Letras (UPE); rafah-franca@hotmail.com

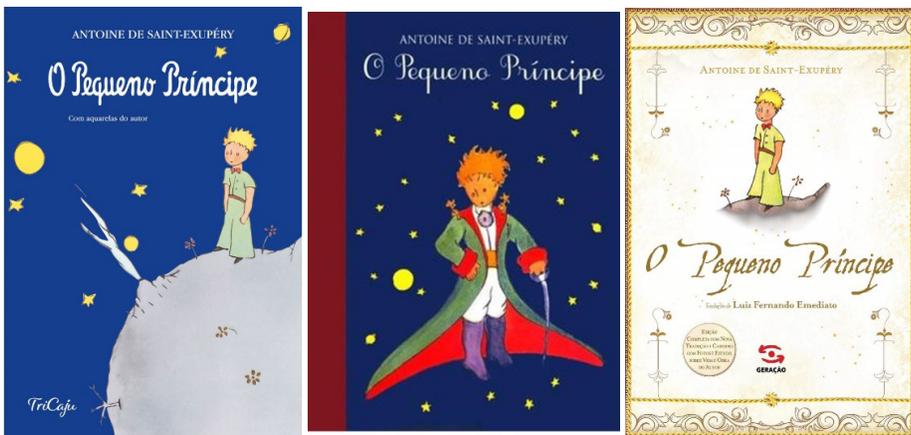
## Introdução

*O Pequeno Príncipe* (1943; 2013) é inegavelmente um caso de sucesso, tanto de público consumidor (leitor, telespectador, plateia etc), quanto de estudos teóricos, nas áreas de Literatura, Filosofia, Psicologia e afins. Essa classificação/constatação, segundo Pound (2007), é devida a uma certa juventude irreprimível da narrativa, cuja pureza do protagonista se manifesta no pensar/agir que a escrita aparentemente simples do autor imprime aos leitores de qualquer idade. Também, muito desse sucesso se deve, além da sua essência a-etária, ao seu teor imagético-psicológico-metafórico ao lidar com as relações humanas e sentimentos como amizade, amor, solidão, perda.

O romance fictício, originalmente *Le Petit Prince* (1943), escrito pelo escritor, ilustrador e aviador francês Antoine de Saint-Exupéry, teve tradução em mais de 200 idiomas e publicação em quase todos os países do mundo, além de adaptações para cinema, musicais e teatro, permanecendo entre os maiores sucessos editoriais do mundo, desde a sua primeira edição, em plena Segunda Guerra, nos Estados Unidos.

Reeditado diversas vezes e por diversas editoras ao redor do mundo, o livro é considerado um dos maiores sucessos do mercado de livros, tendo vendido aproximadamente 200 milhões de cópias, segundo pesquisa divulgada pela Revista Bula (revistabula.com), em seu site Bula Revista, acessado em 20 de maio de 2021. De acordo com a pesquisa, foram contabilizados apenas livros classificados como ficcionais e o primeiro colocado da lista continua sendo *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, escrito no início do século XVII (Madrid, 1605).

Sobre *O Pequeno Príncipe*, a revista aponta que, por meio de uma narrativa poética, o livro busca apresentar uma visão diferente de mundo, levando o leitor a mergulhar no próprio inconsciente. E talvez esse seja o pequeno segredo desse grande sucesso.



Imagens de algumas capas do livro *O Pequeno Príncipe*.  
Fontes: editoras TriCafé, Ática e Geração.

O texto oferece aos leitores aforismos que se destacam entre as frases mais célebres da literatura mundial. São sentenças simples e contundentes, mas que instigam o olhar subjetivo dos leitores sobre o mundo e as relações interpessoais, entre as quais, estão: “Só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos”, “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas” (EXUPÉRY, 2013, p. 70), “Se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás para mim único no mundo. E eu serei para ti única no mundo” (EXUPÉRY, 2013, p. 66).

Ao senso interpretativo, cujas possibilidades fazem parte dos objetivos deste ensaio, tais frases podem gerar efeitos plurissignificativos, muitas vezes, deixando uma mensagem moral e/ou filosófica para os que conseguem “sentir” a obra perpassando a sua linguagem metafórica, que encaminha o leitor a uma visão mais existencialista da vida, do ser e do sentir.

Talvez não fosse a intenção de Exupéry publicar uma obra com grandes questionamentos psicológicos ou filosóficos, mas, desde o princípio da leitura, percebe-se uma tentativa do autor em, apropriando-se de um *alter ego* infantil (GUBERT, 2012), contar um pouco de sua história, do que pensa sobre o mundo e a vida, em um texto aparentemente endereçado ao público mirim.

A história de Exupéry se confunde com a do Pequeno Príncipe. De família aristocrática, nasceu em 1900 em Lyon (França) e viveu até o final da infância no

castelo da família. Aos 22 anos já pilotava aviões pelo 2º Destacamento de Aviação Francesa, segundo Freire (2016), Lima e Silva (2010) e Coplán (2007). Sua morte ainda se encontra envolta em mistérios: suspeita-se que o avião que pilotava fora abatido pelos alemães, entre 31 de julho e 1 de agosto de 1944, mas nunca encontraram seu corpo. Quase 50 anos após o seu desaparecimento, foi retirada do mar por um pescador uma pulseira com o seu sobrenome gravado, a cerca de 100 milhas marítimas da costa de Marselha, mas não há certeza da autenticidade do fato. Em 2004, destroços do avião foram encontrados próximos de Marselha, mas muitas notícias falsas sobre o seu paradeiro nunca deixaram de aparecer nos noticiários locais, fazendo surgir levas de pesquisadores e turistas à região.

O enredo da história seria apenas surreal não fosse esse público-destino, fazendo parecer apenas fantasioso ou fantástico, mas o destino final alcançado pela obra superou o público infantil. Surgido do nada, a centenas de quilômetros de qualquer civilização, uma criança pequena e sozinha, revela ser um príncipe de outro planeta ao encontrar o personagem-narrador, um piloto de avião que fez um pouso forçado nas areias do deserto. Segundo Freire (2016), a ideia desse enredo teria surgido depois do acidente que Exupéry sofrera em 1927, quando transportava correspondência entre Espanha e África, no deserto do Saara.

Logo nos primeiros diálogos que mantém com o adulto, o príncipezinho narra as aventuras nos planetas por que passou e fala em especial da adoração que tem por uma rosa que possui no seu astro natal. Assim, deixa clara a sua desenvoltura com a linguagem além do seu vasto conhecimento de mundo, o que, segundo os teóricos que alicerçam esse estudo, possibilita alternar a condição de *alter ego* do autor entre o aviador e o príncipezinho.

Para Todorov (2009, p. 23), a literatura ingressa em diversos âmbitos da vida pessoal, cotidiana e de conflitos humanos, sejam internos ou externos, “amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo”. É pela linguagem literária que as palavras ganham maior dimensão, dela se expressa as conotações primordiais para consumir uma análise (CANDIDO, 2004). Por isso, neste ensaio, primamos por trazer um sentido – comum ou novo – ao público leitor, através dos signos presentes em diversas passagens da obra, enfatizando seu caráter reflexivo e atemporal. Ainda que o poder revelador das palavras de Exupéry apareça como elemento primordial da análise literária e,

juntamente com a pureza do enredo, seja a fonte da juventude e do sucesso da obra, para Coplán (2007), o pequenino Príncipe é certamente um personagem que, apesar de possuir elementos da psicologia pessoal do autor, ultrapassa-o e se configura como uma mensagem de humanização à sociedade contemporânea, não só na coletividade, mas para cada um de nós, visto seu caráter subjetivo, pueril, atual e universal (SOUZA; RIBEIRO, 2014).

## **1 - Um garoto, um piloto de avião e a solidão do deserto**

A obra está centrada na narrativa da personagem principal ao encontrar um piloto com problemas mecânicos em seu avião entre as dunas do Deserto do Saara, durante a Segunda Guerra Mundial. O piloto, personagem-narrador, se depara certa manhã com um garotinho que lhe pede: “Por favor, desenha-me um carneiro”. A frase insistente, vinda da cabeça fantasiosa de uma criança, é o início de uma exposição de temas sobre a vida.

Todos nós necessitamos imaginar um carneiro quando estamos perdidos e sós. O carneiro pode representar o mistério da vida, a busca por algo que se imagina e ainda não ganhou uma forma, não foi simbolizado. No entanto, algo que pode vir a ser a resposta a um questionamento que fizemos ou que supra nossa falta, tire-nos da angústia. Através da insistência do menino, o narrador cria um meio de não decepcioná-lo e faz várias tentativas para suprir a demanda do garoto misterioso. O homem, impressionado com o mistério do aparecimento de um menino sozinho no meio do deserto, começa a refletir e imaginar a história do Príncipezinho. “Quando o mistério é impressionante demais, a gente não ousa desobedecer. Por mais absurdo que aquilo me parecesse... tirei do bolso uma folha de papel e uma caneta (SOUZA; RIBEIRO, 2014, p. 37).

O Pequeno Príncipe havia deixado o seu planeta de origem, o asteroide B612, por ser um lugar muito pequeno, tão pequeno a ponto de caber somente ele, uns pequenos vulcões e uma belíssima rosa, pela qual tem intensos e contraditórios sentimentos.

Em sua viagem até a Terra, em outros tantos planetas/asteroides pelo

caminho, o príncipezinho se depara com personagens inusitados, entre eles: um rei que achava que todos eram seus súditos, mesmo não havendo ninguém no planeta que residia; um homem de negócios que se impõe como muito sério e ocupado, tanto que não tinha tempo para sonhar; um bêbado que bebia por vergonha de beber; um homem vaidoso, ávido por aplausos; um geógrafo que se autoafirmava sábio, mas não dominava nem a geografia do seu próprio planeta. Segundo Lima e Silva (2010), os personagens procuram representar as “pessoas grandes”, que se preocupam com futilidades e coisas inúteis, e não valorizam realmente o que é essencial: a amizade.

Os autores afirmam que “percebemos que os seres humanos se ocupam com o que lhes convém, não se importando com sentimentos alheios, mas somente com seus interesses” (LIMA; SILVA, 2010, p. 09), utilizando esse importante trecho da obra: “as pessoas grandes jamais se interessam em saber como ele (um amigo) realmente é” (EXUPÉRY, 2013, p. 67). Ainda segundo os autores, a amizade é sempre o fio condutor das narrativas do pequeno personagem.

Esse sentimento é intensamente verificado nos ensinamentos apreendidos pela raposa, em um dos momentos mais emblemáticos da obra, ao deixar uma mensagem subjetiva sobre o devido valor das coisas, e a amizade é o foco principal da conversa. Na interação dos dois personagens, o animal se vê na condição de “ensinante”, segundo Florêncio *et al* (2020). O garoto só poderá se aproximar da raposa, manter contato e conhecê-la, se esperar e cativar, de acordo com a sábia raposa, que lhe informa também sobre alguns “ritos” e efeitos da amizade, o que faz o garoto refletir sobre criar laços, distribuir afetos e, também, os rituais de despedida e perdas: “A gente só conhece bem as coisas que cativou – disse a raposa” (EXUPÉRY, 2013, p. 67); “Se tu vens, por exemplo, às quatro da tarde, desde as três eu começarei a ser feliz” (idem, p. 67); “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas” (idem, p. 71).

Segundo Souza e Ribeiro (2014, p. 42), a raposa “provoca no Príncipe o desejo de buscar algo que faça sentido à sua existência, a procura de uma felicidade que resulta na demanda de amor, que nem sempre é possível de satisfação”. O amor e a amizade são os elementos de união entre as pessoas (animais também), no entanto, ao prever o futuro da perda do amigo, após a despedida entre eles, a raposa se apoia em outro ritual para que possa ser consolada na solidão, na

ausência do companheiro: “O trigo, que é dourado, fará lembrar-me de ti. Eu amarei o barulho de vento no trigo...” (EXUPÉRY, 2013, p. 67).

O fantasioso aparece pela personificação dos animais, como a raposa, e a credibilidade é perceptível pelo não estranhamento do personagem-narrador, assim, está posta a verossimilhança no texto poético escrito em forma de prosa que há mais de 60 anos fascina adultos e crianças. O autor consegue construir a representação dos sentimentos advindos da amizade, fundamentais para a vida humana, tão comuns à infância, mas que são esquecidos, negligenciados ou negados na vida adulta (FLORENCIO *et al*, 2020).

O indivíduo, quando se torna uma “pessoa grande”, deixa para trás a simplicidade de ver as coisas pelo lado emocional e passa a ver somente o lado funcional. Lima e Silva (2010) apontam que, antes de chegar à Terra, o príncipezinho conheceu personagens que o fizeram entender “o quanto os adultos gostam de números, não se importando com a essência, mas sim com valores vindos dos algarismos pertencentes a eles” (2010, p. 8 e 9).

Os números estão ligados à praticidade da vida cotidiana: valores monetários, faturamentos, quantidades de bens, dívidas ou posses. O real sentido da vida é deixado de lado à medida que as pessoas crescem. E, quando o príncipezinho diz “os homens não sabem o que procuram” (EXUPÉRY, 2013, p. 77), o autor formula a sua principal mensagem sobre as “pessoas grandes”: a incapacidade de compreender/manter a grande *sabedoria* da infância.

A partir do encontro com o Pequeno Príncipe, o piloto ativa nostalgicamente a experiência que em dado momento se assemelhava à sua infância. Traz de volta a frustração de não ter os seus desenhos compreendidos e o seu *alter ego* justifica: “As pessoas grandes não compreendem nada sozinhas, e é cansativo, para as crianças, ficar toda hora explicando” (EXUPÉRY, 2013, p. 8). O homem, ainda sem entender os motivos dos intensos pedidos de desenhar um carneiro, procura satisfazer o seu interlocutor com diversos desenhos. Souza e Ribeiro (2014, p. 39) explicam que o desejo do “desenhista” é ver “a sua arte ser apreciada” e, na narrativa, isso se revela na “oportunidade de ele desenhar para o Príncipe o que este lhe pedia”.

A partir da aparição do garotinho, “volta à tona a vontade reprimida do narrador em dar vazão à sua criatividade” (2014, p. 40). Assim, adota a

sensibilidade de compreender a cabeça da criança e utiliza da fantasia do bicho dentro de uma caixa com buracos para poder respirar, a representação simbólica da necessidade buscada no momento. Na percepção da criança, o carneiro em seu planeta seria bastante útil, pois o animal poderia comer as mudinhas de baobás que insistiam em crescer, e que se virassem árvores, poderiam destruir o asteroide. Embora o receio de que o animal comesse também a sua rosa fosse evidente. No entanto, voltando à análise psicológica da personagem, a satisfação do garoto diante do desenho do carneiro dentro de uma caixa não era de todo inusitado, mas o dispositivo para o retorno à infância do próprio narrador-personagem.

Defendemos aqui a relação de *alter ego* entre autor-narrador (o aviador) e protagonista (o príncipezinho): o estado de solidão em que se encontrava o aviador cessou a partir do encontro com o príncipezinho, estabelecendo-se uma aliança de identidade (GUBERT, 2012). E aqui, abre-se a perspectiva do delírio do aviador há dias isolado no deserto. A curiosidade de saber mais sobre a inesperada criança que parecia ter surgido do nada, em outro sentido, poderia ter surgido do seu próprio inconsciente.

À medida que o piloto e o príncipezinho se vão conhecendo melhor, permitem-se entrar numa viagem inesquecível, repleta de significados e onde tudo podia acontecer (JORGE, 2014, p. 6), inclusive o retorno à infância, onde a amizade era, de fato, a concretização da afetividade despretensiosa e o fim dos sentimentos de solidão e finitude. Era preciso ser indulgente com os adultos, pois eles eram incapazes de compreender isso.

## **2 - O príncipe, uma rosa vaidosa e a grande viagem**

O Pequeno Príncipe, em seu corpo celeste de origem, tinha uma rotina rigorosa de cuidados, pois, sendo o seu único habitante, era preciso arrancar os pequenos baobás para evitar a destruição do planeta. No entanto, carente de amigos, eis que surge um novo elemento: uma formosa rosa, que passa a ser sua grande companheira. “Brotara um dia de uma semente trazida não se sabe de onde... pressentiu que dali sairia uma aparição miraculosa, mas a flor parecia nunca acabar de preparar sua beleza” (EXUPÉRY, 2013, p. 28 e 29).

Raríssima e bela, a flor era detentora de todos os seus cuidados e

carinhos. Por se sentir responsável em cuidar da sua delicadeza, o príncipe suportava seus caprichos e vaidades. Esse amor possibilitava-lhe uma percepção simples do mundo “Se alguém ama uma flor da qual só existe um exemplar em milhões e milhões de estrelas, isso basta para que seja feliz quando os contempla” (EXUPÉRY, 2013, p. 28). Esse paradoxo de sentimentos é uma das temáticas deste ensaio. Na concepção de Coplán (2007, p. 222):

A flor se comportava de uma maneira muito coquete, deixando o Pequeno Príncipe fascinado por sua beleza. Mas em pouco tempo a flor já o chateava com seguidas exigências: um dia lhe pediu um biombo porque “sentia horror às correntes de ar”, e inclusive forçou a tosse para lhe infligir remorsos. Típica manipulação emocional do tipo materno negativo que tem por finalidade obter a submissão do eu de nosso pequeno herói, impedindo sua maturação. Uma consciência masculina com uma alma, ou seja, com um fundo anímico deste tipo ficaria sempre envolta nesses caprichos “femininos”.

A flor o chateava com seguidas exigências, era vaidosa, dissimulada e orgulhosa. Diante desse descontentamento, o príncipezinho resolve abandonar o seu planeta e desbravar outros lugares. “Nosso homenzinho parte, abandonando a flor e o planeta. É como se seu amor frustrado lhe tivesse servido de incentivo para afastar-se do lar e chegar finalmente à Terra” (COPLÁN, 2007).

A rosa ocupa também a possibilidade de simbolicamente ser o ponto de partida, ou melhor, o motivo para a partida. Foi diante dessa postura que o garotinho necessitou conhecer outros horizontes. É do episódio da rosa que o menino parte da base que se encontra para amadurecer e descobrir o que de fato é essencial. A rosa representava para o menino a segurança emocional e o suprimento de sua demanda de amor, como fornecido pelas nossas mães, por exemplo. Ela o amava e, mesmo que tentasse segurá-lo no planeta para que ele não se aventurasse sozinho pela vida afora, sabia que deveria deixá-lo ir (SOUZA; RIBEIRO, 2014, p. 6). O príncipe tem grande admiração e amor por sua rosa, mas passa a duvidar das suas palavras, ao descobrir um jardim repleto de flores, todas iguais à sua, logo, todo o seu sentimento se transformou em tristeza e raiva.

Não devia tê-la escutado, não se deve nunca escutar as flores. Basta admirá-las, sentir seu aroma. A minha perfumava todo o meu planeta, mas eu não sabia como desfrutá-la. (...) Não soube compreender coisa alguma! Deveria tê-la julgado por seus atos, não pelas palavras (EXUPÉRY, 2013, p. 31).

Nessa passagem, é nítido o lamento do príncipezinho por sua rosa. Diante de tanta admiração e amor, o garoto não soube como lidar com o oposto, não agradou a rosa por completo e se sentia responsável por isso, até que cansou de se dedicar. Ainda em um processo de amadurecimento, a desilusão trouxe à criança o conhecimento da dimensão do universo, e que o mundo era bem maior do que o seu planeta, não era único nem mais importante. O que poderia ser compreendido como a metáfora do ritual de passagem da idade infantil à fase adulta, em um processo de amadurecimento e desconstrução do egocentrismo, comum às crianças.

Ao mesmo tempo, o autor prepara um novo sentido a ser percebido pelo leitor: o que faz as coisas serem únicas e exclusivas é a importância dada a elas, por isso foi impactante descobrir cem mil outras rosas. Assim como muitos outros astros, asteroides e planetas. Em todos eles, o príncipezinho foi conhecendo pessoas, com personalidades diferentes da sua, todos adultos, personagens estereotipados cujo objetivo pode ser enfatizar a insatisfação pessoal gerada pela fase adulta.

O príncipezinho descreve ao seu interlocutor uma série de personagens, habitantes dos planetas pelos quais passou até chegar no seu destino final, e que podem corresponder às múltiplas características que se manifestam nas personalidades dos indivíduos, representam aspectos sombrios da alma humana, com os quais o leitor pode assemelhar-se e compreender o seu modo de agir, assim, agregando uma descoberta de si mesmo. Mais especificamente, percebemos que os seres humanos se ocupam com o que lhes convém, não se importando com sentimentos alheios, mas somente com os seus próprios interesses.

Ele se achava na região dos asteroides 325, 326, 327, 328, 329, 330. Começou, pois, a visitá-los, para procurar uma ocupação e se instruir. O primeiro era habitado por um rei. O rei sentava-se, vestido de púrpura e arminho, num tronco muito simples, embora majestoso (EXUPÉRY, 2013, p. 34).

Diante da construção da personalidade do rei, é possível notar aspectos de convicção da perfeição humana, construído diante de elementos como autonomia, autogoverno e consciência plena, segundo Chavalier e Cheerbrant (2008, apud VASSALO, 2010). Em contrapartida, também essa passagem pode representar a tirania, o egoísmo, a arrogância e, em um sentido mais amplo, os governos ditatoriais ou os reinados. Diante do pequeno príncipe, o rei viu apenas a possibilidade de ter um súdito, de ter a quem comandar para se efetivar um reinado. “Ah! Eis um súdito...Para os reis, o mundo é muito simplificado. Todos os homens são súditos” (EXUPÉRY, 2013, p. 35).

O arquétipo do rei surte as negatividades do poder. Portanto, temos a primeira figura que representa as ações autoritárias do mundo. Esse pensamento pode estar ligado às condições de guerra em que o autor estivera inserido. As ações das batalhas colocam o sujeito em vulnerabilidade diante de um maquiado amor ufanista ou da obrigatoriedade de respeito e obediência à pátria.

O segundo planeta era habitado por um vaidoso. Ah! Ah! Um admirador vem visitar-me! Exclamou a distância o vaidoso, mal avistava o príncipezinho. Porque, para os vaidosos, os outros homens são seus admiradores (EXUPÉRY, 2013, p. 40).

O vaidoso, como propriamente dito, tinha a necessidade da admiração alheia. Para se realizar, dependia do príncipe como receptor das suas atitudes narcisistas, vistas indiretamente como exorbitantes fingimentos de um autoengano. “Aparentemente, a transferência de meu centro para o exterior significa, que minha noção de valor próprio não se sustenta sozinha, mas depende da aprovação dos outros” (JUNG, 2009, p. 38, apud FREITAS, 2015, p. 42). Na verdade, a característica do vaidoso é a sensibilidade ao que o outro pensa, acha ou vê em suas atitudes, e precisam ser respostas positivas para que o ego se infle mais. “[...] Os vaidosos só ouvem elogios” (EXUPÉRY, 2013, p. 42). Esse é mais um caso de egocentrismo, pois para ser notado e admirado, o vaidoso se coloca em primeiro plano.

O planeta seguinte era habitado por um bêbado. Esta visita

foi muito curta, mas mergulhou o príncipezinho numa profunda melancolia. Que fazes aí? perguntou ao bêbado, silenciosamente instalado diante de uma coleção de garrafas vazias e uma coleção de garrafas cheias. Eu bebo, respondeu o bêbado, com ar lúgubre. Por que é que bebes? perguntou-lhe o príncipezinho. Para esquecer, respondeu o beberrão. Esquecer o quê? indagou o príncipezinho, que já começava a sentir pena. Esquecer que eu tenho vergonha, confessou o bêbado, baixando a cabeça. Vergonha de quê? investigou o príncipezinho, que desejava socorrê-lo. Vergonha de beber! concluiu o beberrão, encerrando-se definitivamente no seu silêncio (EXUPÉRY, 2013, p. 42 e 43).

Do diálogo entre o bêbado e o Príncipe, percebe-se uma peculiaridade negativa, o círculo vicioso do alcoolismo sustentado pela vergonha de ser um viciado: enquanto estava bêbado o indivíduo não lembrava do que o deprimia. Para o Príncipe, esses problemas internos que afetam a sociedade eram complexos, definido como “muitos bizarros”. A figura e a história do viciado, diante da percepção da criança ainda inocente, não são pormenorizadas, por ser um problema complexo, estabelece-se, então, o olhar superficial que a sociedade dá a esses casos e a atitude por não saber lidar é quase sempre a mesma: fugir, segundo defende Beckel (2019).

Ao chegar no asteroide 328, o Pequeno Príncipe se deparou com mais uma alusão corriqueira do mundo, um homem envolvido com cálculos e papéis, que esboçava sempre a falta de tempo para justificar o seu complexo: o empresário. Custou para dispensar um pouco de seu tempo em um diálogo com o pequenino.

Estava tão ocupado que não levantou sequer a cabeça à chegada do príncipe. - Bom dia, disse-lhe este. O seu cigarro está apagado. - Três e dois são cinco. Cinco e sete, doze. Doze e três, quinze. Bom dia. Quinze e sete, vinte e dois. Vinte e dois e seis, vinte e oito. Não há tempo para acender de novo. (...) Quinhentos milhões de quê? - Hem? Ainda estás aqui? Quinhentos e um milhões de... eu não sei mais... Tenho tanto trabalho. Sou um sujeito sério, não me preocupo com futilidades! Dois e cinco, sete... - Quinhentos milhões de quê? repetiu o príncipezinho, que nunca na sua vida renunciara a uma pergunta, uma vez que a tivesse feito. O homem empresário levantou a cabeça: - Há cinquenta e quatro anos que habito este planeta e só fui incomodado três vezes. A

primeira vez foi há vinte e dois anos, por um besouro caído não sei de onde. Fazia um barulho terrível, e cometi quatro erros na soma. A segunda foi há onze anos, por uma crise de reumatismo. Falta de exercício. Não tenho tempo para passeio. Sou um sujeito sério. A terceira... é esta! Eu dizia, portanto, quinhentos e um milhões... (EXUPÉRY, 2013, p. 43 e 44).

O homem de negócios era dono de estrelas e estas o faziam rico, a sua riqueza fazia com que ele comprasse mais estrelas. A criança não via uma praticidade utilitária em possuir estrelas, o seu tempo deveria ser dedicado a algo que fosse viável, pois as estrelas se encontravam em um plano e o homem em outro. Mas entendeu que o homem apenas dedicava todo o seu tempo em contar estrelas em uma contabilização de uma falsa riqueza. Seriam os homens realmente donos do que possuem? Fica evidente que a intenção de Exupéry, ao traçar o consumismo do “Homem de negócios”, é criticar a forma como os adultos lidam com a posse, perder ou ganhar o seu tempo por possuir e contar estrelas que nem pode tocar ou coisas que nem pode utilizar.

Para o príncipezinho, segundo Passamani (2014), era melhor apenas admirar as estrelas e não as possuir nem desmerecê-las, atribuindo a elas total desprezo, como o empresário fazia ao nomeá-las de “coisinhas”.

- Milhões dessas coisinhas que se veem às vezes no céu.  
- Moscas? - Não, não. Essas coisinhas que brilham. -  
Vagalumes? - Também não. Essas coisinhas douradas que fazem sonhar os ociosos. Eu cá sou um sujeito sério. Não tenho tempo para divagações. - Ah! estrelas? - Isso mesmo. Estrelas. - E que fazes tu de quinhentos milhões de estrelas?  
- Quinhentos e um milhões, seiscentos e vinte e duas mil, setecentos e trinta e uma. Eu sou um sujeito sério. Gosto de exatidão. - O que fazes tu dessas estrelas? - Que faço delas? - Sim. - Nada. Eu as possuo (EXUPÉRY, 2013, p. 45).

### **3 - Um menino, uma raposa e a amizade**

Para Florêncio *et al* (2020), Beckel (2019) e Freitas (2015), em seus recentes estudos sobre *O Pequeno Príncipe*, o encontro com a raposa é, sem

dúvida, o ponto alto da narrativa, e, enquanto teoria literária, Candido (2004) classificaria como um momento híbrido de problema e desenlace.

Ele pensava que possuía uma rosa que era única no universo, mas quando chegou num jardim cheio de rosas percebeu que o que ele tinha era uma rosa como outras milhares de rosas daquele jardim e quem sabe de tantos outros lugares. O seu mundo caiu, pois ele se julgava importante por possuir aquela rosa única, mas agora não é mais tão poderoso como pensava. Foi nesse momento que um ‘bom dia’ interfere seus pensamentos tristes para um encontro que ia mudar a sua vida. Era uma raposa que se apresentava ao menino com o desejo de relacionar-se (FREITAS, 2015, p. 11).

O menino estava desolado porque havia visto várias flores iguais àquela que ele tinha em seu planeta, quando apareceu uma raposa, ele a convidou para brincar, mas ela informou “não posso brincar contigo, não me cativaram ainda” (EXUPÉRY, 2013, p. 67). Sem querer perder a oportunidade da amizade, a raposa pede que o garoto a cative.

Há uma demanda muito grande de confiança e amor ali presentes nessa cena, bem como um gozo que chega a ser perverso em provocar o menino e quase não aceitá-lo, suscitando um sentimento imenso de angústia na criança. Como cativá-la? Para isso, é necessário um doar-se, uma troca que nem sempre é possível (SOUZA e RIBEIRO, 2014, p.8).

Na verdade, o narrador procura costurar o diálogo desses dois personagens na perspectiva do aluno e mestre, em que: o príncipezinho não sabe o significado de “cativar”, mas deseja estabelecer laços, pois é preciso conhecer pessoas e construir amizades; e a raposa, como mestra na arte de (sobre)viver, ensina que “a só conhece bem as coisas que cativou”. Aqui, Exupéry encontra o ápice dos sentimentos, do “criar laços afetivos”, gerando uma das célebres passagens da obra:

(...)tu ainda não és ainda para mim senão um garoto inteiramente igual a cem mil outros garotos. E eu não tenho necessidade de ti. E tu também não tens necessidade de mim. Não passo a teus olhos de uma raposa igual a cem mil outras

raposas. Mas, se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás para mim único no mundo. E eu serei para ti única no mundo... (EXUPÉRY, 2013, p. 68).

Essa afirmação constrói a ideia preponderante da obra, a amizade como elemento primordial à condição humana. No momento da despedida entre os personagens, Exupéry arremata mais um aforismo existencialista, marcado na coletividade dos leitores por décadas: “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas” (p. 74). Lima e Silva (2010) também consideram esses trechos os mais significativos da obra por serem frases muito simples e, ao mesmo tempo, de uma complexidade impressionante para a experiência de vida de uma criança, talvez, por isso, o autor usa a personagem da raposa para criar tais conceitos. Pode-se analisar a raposa com os instintos maternos do cuidado e do amor incondicional. A relação que se estabelece com o príncipe faz com que se estabeleça o “cativar”, assim ela passa a ter responsabilidade pelo “querer bem” em seu vínculo com o príncipe.

A Raposa submete o menino ao questionamento de sua condição como sujeito desejante. Ele quer se relacionar com o animal, ele mesmo se questiona o quanto isso é importante para sua vida e, principalmente, o que ele fará para que aconteça. Percebe-se o animal na condição materna, uma vez que a mãe simboliza o que lhe falta, o filho pode querer ser para ela a imagem mesma da significação de seu desejo, para dela obter, em troca, sinais de amor (SOUZA; RIBEIRO, 2014, p. 11).

Na perspectiva filosófica da obra, é através da personagem *raposa* que o príncipe acha as respostas para as suas angústias, portanto, poderíamos tratá-la como a guia, enquanto o príncipezinho preenche o narrador de dúvidas, até o seu desaparecimento total e inexplicável, por isso, creditamos ao protagonista o status de “o significado” da obra, visto que somos mais dúvidas do que certezas na vida. “Ao que parece, o pequeno príncipe é um ser em construção, ou seja, a sua existência precede sua essência que vai sendo descoberta e construída através do encontro com o outro e com o mundo” (FREITAS, 2015, p. 11).

No diálogo, ele descobre essência: o cativar, a amizade, o amor, a

reciprocidade através dos enunciados. Aqui, pode-se afirmar, então, que se ativa o processo de busca do príncipe. Essas buscas fazem com que ele cresça em experiências, que resulta no processo de individualização da sua personalidade.

Sobre a perspectiva de significado à personagem do Pequeno Príncipe, Gubert (2012) afirma que, sem a presença do *outro* a própria construção da identidade dos interlocutores está ameaçada. As premissas norteadoras para o seu crescimento inconsciente partem dos questionamentos, que diante do diálogo com a raposa foram primordiais para a reflexão e organização das suas conturbações mentais. Daí, pode-se perceber um texto extremamente metafórico e filosófico, pois através do diálogo, a raposa esboça para o Príncipe a significação dos sentidos abstratos, da individualidade, dos sentimentos, da vida. Sobre isso, Freitas (2015) diz:

Qual o significado que o outro tem na minha vida? Uma rosa igual a milhares de outras rosas. Uma raposa igual a centenas de outras raposas. Um menino igual a tantos outros meninos. O que diferencia um do outro? Segundo o diálogo entre o pequeno príncipe e a raposa o que faz a diferença entre as rosas é o significado. Quando andamos por uma rua encontramos com centenas de pessoas, mas quando avistamos alguém que conhecemos a nossa reação é diferente, pois esta pessoa tem um significado pra nós que a diferencia de todas as outras (p. 11).

Exupéry poupou as melhores metáforas da obra para significar as suas experiências de vida, observadas pela interação com quem conviveu, metaforizando situações e fatos vividos, em ações e personificações simbólicas. A serpente vem a ser um desses símbolos, importante para análise filosófica-existencial, que permeia o romance, de forma a assegurar a necessidade de se conhecer o histórico contextual para se compreender a simbologia do animal, incluindo a religiosa.

#### 4 - O menino, o homem e a morte

A serpente do deserto foi o primeiro (e último) elemento vivo que o Pequeno Príncipe se deparou ao chegar no planeta terra, como uma porta de

entrada (e saída). Na sua angústia, ele queria achar alguém para ajudá-lo a aplacar a tristeza que sentia por ter saído do seu planeta de origem, em busca de significados para o comportamento da sua rosa. Para Freitas (2015), dois sentimentos estão no coração do menino naquele encontro: a ansiedade de entender as coisas da vida e a solidão de estar num deserto tão longe de tudo. O príncipezinho queria entender a vida, queria entender sua rosa e queria conhecer os homens. Porém, metaforicamente, a serpente lhe apresenta a morte como solução para muitas dessas angústias: “Eu posso levar-te mais longe que um navio” (EXUPÉRY, 2013, p. 58). Após conhecer a história do príncipezinho e compreendendo a sua busca, ela reafirma: “Posso ajudar-te um dia, se tiveres saudade do teu planeta” (p. 60). Vai se passar um ano até os dois se reencontrarem e o príncipezinho *fazer uso dos seus serviços*.

A morte é uma determinação da existência humana, mas em grande escala é encarada com negatividade, o fato de morrer impacta os indivíduos pela liquidação da matéria física (corpo) e pelo plano que segue o abstrato (alma), esse plano é o que traz um sentimento de medo e insegurança. O momento da morte angustia por parecer a interrupção de um dinamismo, porém, ela pode ser lida como a transformação dessa dinâmica e não o fim dela. Para o príncipezinho, a proposta de morte colocada pela serpente é rapidamente compreendida: “Eu te compreendo muito bem, mas porque falas sempre por enigma?” (EXUPÉRY, 2013, p. 60). “A afirmativa seguida de uma pergunta é que nos leva a ver o quanto realmente a morte é um assunto meio evitado pelos humanos e, quando falado, muitos preferem ser mais enigmáticos do que esclarecedores” (FREITAS, 2015, p. 15).

É viável para se refletir sobre o que Exupéry quis sinalizar ao “matar” o Pequeno Príncipe na sua obra, pois o fato de “morrer” está ligado ao “viver”, não há medo, não há fuga, há uma alusão de viagem, o retorno para casa, afinal, o príncipezinho se entregou ao “beijo” da cobra como alternativa de rever a sua rosa. A criança se entrega à serpente com a tranquilidade de que, ao deixar o seu corpo na terra e ocupar uma estrela, ele estaria melhor consigo.

Segundo Ribeiro (2017), a figura da serpente foi criada engenhosamente pelo autor, pelas múltiplas significações lendárias e mitológicas que se dão acerca do animal. Pavorosa, sedutora, astuta e ágil, ela é vista pela esperteza do bote

que traz como ferramenta de defesa ao destilar o seu veneno. Na construção dos sentidos, a perspectiva da serpente como possibilidade de intervenção na vida (ou na morte) do Pequeno Príncipe está relacionada à mudança de fase.

Em uma visão arquetípica, a serpente é vinculada ao imaginário humano pelo seu fascinante mistério, por ser uso de diversificadas formas em que está inserida no “fantasioso”. Exemplo disso é a figura da cobra como tentadora, advinda dos relatos bíblicos sobre a criação do universo e o paraíso, onde ela se alia à figura do mal e, ao iludir Eva, faz com que a mulher convença também o homem (Adão) a provar do sabor do *pecado*. Usando o mesmo discurso sedutor, de acordo com Ribeiro (2017) e Rocco (2016), a serpente convence o pequeno herói a experimentar a morte através do seu veneno, nos momentos finais da narrativa.

Poderíamos identificar a morte do Pequeno Príncipe com um suicídio, pensando pelo viés de que ele arquitetou como se daria a sua passagem de plano, provando da entorpecência do veneno da serpente, nítido na passagem: “O teu veneno é bom? Estás certa de que não vou sofrer por muito tempo?” (EXUPÉRY, 2013, p. 81). Ao mesmo tempo, o autor deixa margem para o leitor encarar o ritual a que o pequenino se submete como uma passagem de volta: “Eu parecerei morto, e isso não será verdade [...] Tu compreendes. É muito longe. Eu não posso carregar este corpo. É muito pesado” (p. 86).

Como alguns animais que passam por mutações ou transformações em suas fases de evolução, as serpentes trocam a pele. Seria o corpo pesado do garoto a *pele* rejeitada para se transformar na vivência de uma nova fase? Seriam *pesados* os sentimentos adquiridos durante a viagem? Seria o fim do delírio do aviador ao ter conseguido fazer as *pazes* com o seu passado? A leitura da obra se consolida mais pelas dúvidas e possibilidades do que com certezas e conclusões. O que chama a atenção na passagem em que o príncipezinho de despede do aviador é que, ao tentar consolar o recém-cativado amigo por sua partida definitiva (morte), o pequenino deixa mais uma importante sentença para o desenlace daquilo que seria o fim de uma amizade: “- E quando te houveres consolado (a gente sempre se consola), tu te sentirás contente por me teres conhecido” (p. 86).

## Epílogo

Podemos pensar que Exupéry usou de simbologias para representar no fantasioso pessoas ou memórias. Há muitos exemplos de semelhança entre o autor quando criança e a figura do Pequeno Príncipe, ilustrado pelo próprio autor na obra: os cabelos loiros e encaracolados e a descendência fidalga (era filho de um conde). Enquanto o personagem desbrava planetas agarrado a um cordão e levado por um bando de pássaros, em sua profissão, Exupéry tinha um gosto peculiar por aventuras e conhecer lugares inusitados.

Juntamente com o copiloto André Prevót, voava sobre o Saara, preste a quebrar um recorde de horas no ar, quando uma pane do avião os obrigou a pousar e ficar isolados no deserto. Impossibilitados de retomar ao destino, ficaram desidratados e sofreram alucinações por dias, antes de serem resgatados. Todas as suas obras estão ligadas ao mesmo cenário, a aviação, isso faz com que o autor-narrador seja perfeitamente identificado como o personagem interlocutor do príncipezinho. Assim, também se pode compreender o motivo do local escolhido para o pouso do príncipezinho ao chegar no planeta Terra.

Mas, o que faz *O Pequeno Príncipe* tornar-se uma obra tão lida em todo o mundo há mais de 60 anos é uma incógnita tanto quanto a presença do príncipezinho nas areais do deserto. Suas assertivas em relação aos sentimentos humanos são conhecimentos tão profundos e amadurecidos quanto o sorriso do garoto ao fazer a passagem do seu corpo físico, entregando-se à morte para retornar à sua flor. Os defeitos identificados em sua amiga rosa são o elemento desencadeador da procura efetivada pelo príncipezinho, ao tempo que representa também a aprendizagem adquirida durante a sua jornada, principalmente pelos ensinamentos da raposa: “a gente só conhece bem as coisas que cativou” (p. 67) e, ainda que, ao conhecer alguém, percebe-se os seus defeitos, é preciso entender que “só se vê bem com o coração” (p. 70).

## Referências

BECKEL, G. G. (2019). **Literatura e Psicanálise: Qual a relação?** Disponível em: <<http://www.elba-br.org/elb-publicacoes/pdf/literatura-psicanalise.pdf>> Acessado em 05 de fevereiro de 2021.

CANDIDO, A. **O direito à literatura**. In: Vários Escritos. Rio de Janeiro: Duas cidades, 2004.

COPLÁN, R. D. (2007). Um Pequeno Príncipe entre Marte e Júpiter. Disponível em: [http://www.constelar.com.br/constelar/108\\_junho07/pequenoprincipe1.ph](http://www.constelar.com.br/constelar/108_junho07/pequenoprincipe1.ph) Acessado em 12 de janeiro de 2021.

EXUPÉRY, A. S (1943; 2013). **O Pequeno príncipe**. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2013. Aquarelas do autor. 48 ed. / 55ª reimpressão, 2003/44 ed. Rio de Janeiro: Círculo do Livro, 1990.

FLORÊNCIO, R. R.; FRANÇA, R. S.; LEITE, V. N. (2020). **Breve Análise Psicanalítica D'O Pequeno Príncipe**: Uma (Re)Interpretação Atualizada. In: Revista IDonLine – Revista Interdisciplinar e de Psicologia, vol. 14, número 50, 2020. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/2442> acessado em 20 de março de 2021.

FREIRE, V (2016). **Cidadela** – Antoine de Saint-Exupéry. Disponível em < [http://www.perse.com.br/novoprojetoperse/BSU\\_Data/Books/N1472219047731/Amostra.pdf](http://www.perse.com.br/novoprojetoperse/BSU_Data/Books/N1472219047731/Amostra.pdf)> Acessado em 09 de janeiro de 2021.

FREITAS, M. R (2015). **Uma abordagem filosófica da obra O Pequeno Príncipe de Saint-Exupéry**. Disponível em: <<http://www.theoria.com.br/edicao17/02172015RT.pdf>> Acessado em 08 de janeiro de 2021.

GUBERT, P. G. (2012). **Alter ego e outrem**: Ricoeur e o problema do outro. Disponível em: < [http://sites.unifra.br/Portals/1/Numero10/Gubert\\_06.pdf](http://sites.unifra.br/Portals/1/Numero10/Gubert_06.pdf)> Acessado em 04 de fevereiro de 2021.

JORGE, J. M. C. P. B. (2014). **Uma leitura psicanalítica de “O Pequeno Príncipe”**. Disponível em: <[http://rbp.celg.org.br/detalhe\\_artigo.asp?id=165](http://rbp.celg.org.br/detalhe_artigo.asp?id=165)> Acessado em 20 de fevereiro de 2021.

LIMA, A. M.; SILVA, A. M. S. (2010). **O Pequeno Príncipe**: A Importância Dos Símbolos. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/6165037-O-pequeno-principe-a-importancia-dos-simbolos-orientadora-profa-dra-nery-reiner.html>> Acessado em 12 de fevereiro de 2021.

PASSAMANI, C. R. (2014). **15 curiosidades d'O Pequeno Príncipe e de Antoine De Saint-Exupéry**. Disponível em: < <http://literatortura.com/2014/02/15-curiosidades-relacionadas-antoine-de-saint-exupery-e-sua-obra-prima-o-pequeno-principe/> > Acessado em 08 de janeiro de 2021.

POUND, E. **O ABC da Literatura**. São Paulo: Editora Cultrix, 2007.  
RIBEIRO, M. G. **Imaginário da Serpente de A a Z** [Livro eletrônico]. Campina Grande: eduepb, 2017.

ROCCO, C. (2016). O Pequeno Príncipe e Eu: A Infância de Antoine de Saint Exupéry. Disponível em: <<http://opequenoprincipe-e-eu.blogspot.com.br/2016/02/a-infancia-de-antoine-de-saint-exupery.html>> Acessado em: 08 de fevereiro de 2021.

SOUZA, M. B.; RIBEIRO, M. S. M. (2014). **Fantasia e Gozo na Obra “O Pequeno Príncipe”**. Disponível em:<<https://psicologado.com/abordagens/psicanalise/fantasia-e-gozo-na-obra-o-pequeno-principe>> Acessado em 19 de janeiro de 2021.

TODOROV, T. **A Literatura em Perigo**. 2 ed. Rio de Janeiro: 2009.

VASSALO, F. P. B. (2010). **Arteterapia em “O Pequeno Príncipe”** - O resgate da criança interior em busca da individualização. Disponível em:< [http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias\\_publicadas/t206119.pdf](http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/t206119.pdf)> Acessado em 09 de jan. de 2021.

O conteúdo deste texto é de total responsabilidade de seus autores.